

# A DELIMITAÇÃO DA CLASSE DOS NOMES: SUBSTANTIVAÇÃO DE ADJETIVOS E ADJETIVAÇÃO DE SUBSTANTIVOS

## Resumo

*Demarcação entre as classes de palavras. Critérios para a classificação de substantivos e adjetivos. Substantivação e adjetivação. Advérbios como nomes e como pronomes. Substantivos e adjetivos nas gramáticas portuguesas.*

*Palavras-chave: morfologia; terminologia.*

## Abstract

*Demarcation between classes of words. Principles for evaluating substantives and adjectives. Substantivation and adjectivation. Adverbs as nouns and pronouns. Substantives and adjectives in portuguese grammars.*

*Keywords: morphology; terminology.*

Uma das questões acerca da delimitação entre as classes de palavras no Português envolve um grupo a que tradicionalmente chamamos “nomes”. Embora o critério flexional (variação de gênero, número e caso) tivesse sido o ponto básico na distribuição dos nomes de uma língua (englobando, neste caso, os substantivos e os adjetivos latinos e gregos), costuma-se acrescentar ainda um critério sintático a fim de reconhecer substantivos e adjetivos. Por isso, seus vínculos formais merecem uma análise mais detida.

A delimitação entre as duas classes estaria, assim, definida? Em termos práticos, encerraria o problema afirmar que, neste critério funcional, é substantivo a palavra que exerce privativamente a função nuclear (do sujeito, por exemplo)? Como explicar os processos de adjetivação e de substantivação, fenômeno tão comum em nossa língua?

## A Identificação

Mattoso Câmara (1970, 67-70) propôs um quadro de classificação dos vocábulos formais onde, depois do verbo, temos, de um lado, os nomes e, de outro, os pronomes. Nesse quadro, nomes e pronomes se subdividem em três grupos: substantivo (termo determinado), adjetivo (termo determinante de outro nome) e advérbio (termo determinante de um verbo).

Outra possibilidade seria partir de um ponto de vista conceitual, como faz Charaudeau (1992, 17 e 37). Para ele, os seres (*os substantivos*) compõem uma classe semanticamente independente que descreve os objetos do mundo fenomenológico que o homem percebe e cujo sentido ele constrói e nomeia. E as propriedades (*os adjetivos e os advérbios*) constituem uma classe semanticamente dependente que descreve as características particulares, as qualidades e as maneiras de ser ou de fazer que o homem percebe ou constrói.

Azeredo, em “A Palavra e Suas Classes” (1980), discute aspectos relevantes a respeito da distribuição das palavras em classes e questiona as interferências semânticas, sintáticas e morfológicas na tradicional definição de cada uma delas. Basílio (1987, 49-59) e Sandmann (1997, 15-21) também tratam desses três critérios de definição de classes de palavras, colocando a questão em termos que se ajustam aos processos de formação e constatando a utilização de mais de um critério para classificar ou dividir as palavras em grupos. Afinal, como afirma Lemos Monteiro (1991, 204), “se o vocábulo apresenta forma, função e sentido, é evidente que os critérios mórfico, sintático e semântico se conflitam em qualquer tentativa de classificação.”

Aqui, optamos primeiro pela abordagem sistemática de um grupo que envolve o relativo impasse existente na definição de substantivos e de adjetivos. Quanto aos advérbios, não obstante ser necessário verificar os limites de sua atuação como nomes ou como pronomes em nossa língua, consideramos de pronto sua potencialidade de inclusão nos modelos a serem descritos, mesmo que sob condição e alguma reserva.

Que nos sirva como desculpa, por exemplo, o que diz Perini (1995, 187): “A categoria tradicional dos advérbios, assim como a dos pronomes, encobre uma série de classes, às vezes de comportamento sintático radicalmente diferente.”

Antes, porém, de seguirmos o outro caminho, podemos adiantar algumas idéias sobre essa questão dos advérbios. Bastam para isso dois exemplos. O primeiro na frase “**Agora** é tudo ou nada”, onde temos um advérbio de base nominal como sujeito; o segundo na frase “**Ali** parece sujo”, onde temos um advérbio de base pronominal como sujeito.

Em outros termos: sincronicamente, a palavra **hoje** faz parte do grupo de nomes terminados em -e, como **alforje**, **plebe**, **traje** e é dotado de um radical **hoj-**. A equivalência entre “filme **de hoje**” e “filme **hodierno**” demonstra existir na palavra “hoje” um valor nominal tão nítido quanto o da palavra “cor” em “filme **sem cor**” (que equivale a “filme **descolorido** ou **incolor**”) ou em “jornal **de ontem**” ou “pensamento **de outrora**”, tão sem equivalência quanto “mesa **de pregos**”. Tanto é assim que em todos esses casos temos locução adjetiva (cf. Cunha, 1980, 252 e 499).<sup>1</sup>

Tratemos, então, do tema a que nos propusemos, analisando de início os vínculos formais entre adjetivos e substantivos. Melo (1970, 207-8), ao tratar da ordem das palavras, afirma que, no português, “o acento enfático recai sempre no segundo elemento de um sintagma dual: bom **filho**; velho **amigo**; amigo **velho**”<sup>2</sup>. Seguindo suas observações sobre os adjetivos, constatamos a diversidade conotativa ou significativa em expressões do tipo “**grande** homem x homem **grande**” ou “**alto** funcionário x funcionário **alto**”. Mesmo assim, é praticamente inegável (a não ser em construções estranhas e atípicas, como “**celular** telefone” ou “**vermelhas** rosas”) que os adjetivos eminentemente descritivos tenham de estar sempre pospostos: legislação **trabalhista**, casamento **nulo**, poesia **brasileira**.

Poderíamos ainda mencionar a possibilidade de uma palavra ser, conforme sua posição no sintagma, ora substantivo, ora adjetivo (jornalista **cearense** x **cearense** jornalista). Em termos práticos, encerraria o problema afirmar que, neste critério funcional, se uma palavra exerce privativamente a função de núcleo do sujeito (por exemplo), é evidente que se trata de substantivo. Em “**antigo** aluno x aluno **antigo**” e “**triste** homem x homem **triste**”, “antigo” e “triste” são adjetivos, “aluno” e “homem” são substantivos. Mas não é isto que definirá por que “mentalidade” é substantivo e “difícil” é adjetivo ou por que numa expressão como “pobres colaboradores” somente o contexto definirá se o substantivo é “pobres” ou se é “colaboradores”.

Então, o que leva um dicionarista a registrar ao lado de um verbete se se trata de um substantivo ou de um adjetivo? E, mesmo quando consigna ambas as possibilidades, qual seu critério para colocar uma à frente da outra?

Por isso, discordamos de Celso Cunha (1980, 251 & 1985, 239) quando afirma que “a subdivisão dos nomes portugueses em substantivos e adjetivos obedece a um critério basicamente sintático, funcional”. Parece-nos mais razoável não considerar que a base está no critério sintático, mas numa combinação dos aspectos semântico e funcional, que descreverá se, dentro de um sintagma dual, é possível termos palavras que predominem como adjetivos ou como substantivos. Tal descrição parte do pressuposto de

que estas duas classes são, ambas, representantes dos “seres”, cabendo aos substantivos *nomeá-los* e aos adjetivos *caracterizá-los*. Parte também do pressuposto de que a adjetivação de substantivos e a substantivação de adjetivos é um fenômeno comum na língua portuguesa. Aliás, a justaposição de dois adjetivos ou de dois substantivos oferecerá muita matéria para reflexão a respeito do tema (“Ela usava uma bermuda **balão**” x “Vi no céu um **balão** **bermuda**” ou “Ele era um dos **revoltados** **invasores**” x “Ele era um dos **invasores** **revoltados**”). Nesses casos de junção de dois substantivos, incluem-se os substantivos compostos em que o segundo vocábulo exerce a função de determinante, como nos exemplos “**vagão-leito**” (*vagão de trem provido de camas ou beliches*) e “**urubu-ministro**” (*ave de coloração preta, com a cabeça nua, encarnado-violácea, também chamada urubu-de-cabeça-vermelha*).

Pode-se concluir, por exemplo, que, na junção de dois substantivos, é sempre o segundo deles que *funciona* como adjetivo, ou seja: no primeiro par de frases do parágrafo acima, “bermuda” é substantivo na primeira e adjetivo na segunda, “balão” é adjetivo na primeira e substantivo na segunda. De outra forma, na junção de dois adjetivos, a conclusão será outra: “revoltados” e “invasores” são adjetivos potenciais, mas de utilização diferente. Com isso queremos nos referir à inexistência de combinação binária adjetivo/ substantivo ou substantivo/adjetivo para os dois vocábulos. Observe-se que “revoltados” poderá ser adjetivo nos dois casos, mas “invasores” só poderá ser adjetivo no primeiro. Essas observações encaminham uma outra indagação: há adjetivos de tipos ou comportamentos diferentes? Parece que sim. Há adjetivos mais passíveis de substantivação do que outros. Suponhamos dois contextos para tentar esclarecer melhor o que dissemos.

#### Contexto A:

*Prisioneiros se revoltam com as más condições de higiene e alimentação, invadem o gabinete do Diretor do presídio e promovem um quebra-quebra. Em consequência, serão punidos.*

No contexto A, homens serão chamados, primeiro, de *revoltados* (subst.) e, depois, qualificados como *invasores* (adj.).

#### Contexto B:

*Invasores de uma fazenda se revoltam com a violência policial, promovem um quebra-quebra e, em consequência, serão punidos.*

No contexto B, homens serão chamados, primeiro, de *invasores* (subst.) e, depois, qualificados como *revoltados* (adj.).

A partir destes contextos, apresentam-se as frases:

**Os revoltados invasores serão punidos** - que serve para os contextos A e B.

Ou seja,

<sup>1</sup> Também os numerais, que não passam de *nomes dos números*, têm a ver com o que dissemos sobre os advérbios.

<sup>2</sup> A “bom filho” se contrapõe “filho bom”, com acento enfático em “bom”.

contexto A: *Os revoltados invasores serão punidos pelo Diretor do presídio.*

contexto B: *Os invasores revoltados serão punidos assim que saíam da fazenda.*

**Os invasores revoltados serão punidos** - que serve apenas para o contexto B.

Ou seja,

contexto B: *Os invasores revoltados serão punidos assim que saíam da fazenda.*

## Conclusão

Assim, é possível concluir que a palavra “invasores” (nesta situação combinatória) possui uma espécie de *lacuna substantiva*, representada a partir da equivalência semântica estabelecida pelos dois contextos exemplificativos.

Aplicando-se o mesmo modelo ao exemplo *pobres colaboradores / colaboradores pobres*, se poderá chegar à conclusão de que *pobres* e *colaboradores* têm, respectivamente, os mesmos “pesos” que *invasores* e *revoltados*. A seqüência poderia continuar formando sintagmas com “*invasores + pobres*” & “*colaboradores + revoltados*” e “*revoltados + pobres*” & “*colaboradores + invasores*”...

A correta distinção, portanto, entre estes dois tipos de vocábulos não deve ficar restrita a um pequeno conjunto de exemplos, mas levar em conta as amplas possibilidades de uma palavra dentro da língua, pelas quais serão efetivamente vistos seus valores naturais e ocasionais, com a preponderância do critério semântico.

Tal levantamento confirmará se é correta a afirmação de Jespersen (1992, 81), para quem os substantivos são dotados de uma significação mais especial, pois reúnem um conjunto de qualidades, enquanto os adjetivos possuem uma significação mais geral, designadora de uma única qualidade.

Por estes e outros motivos, a delimitação entre as classes dos nomes no Português é tema que se reitera ao longo dos estudos de teoria gramatical. Critérios distribucionais, levantamentos de ocorrências e abordagens semântico-funcionais são algumas das possibilidades de encaminhar a questão. Ainda há muito caminho...

## Referências Bibliográficas:

- AZEREDO, J. C. (1980). A palavra e suas classes. *Letra*, 1, 84-95. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ.
- BASÍLIO, M. (1987). *Teoria lexical*. São Paulo: Ática.
- BECHARA, E. (1999). *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- CÂMARA JR., J. M. (1981). *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes.
- . (1970). *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- CARVALHO, J. G. H. de (1973/1974). *Teoria da linguagem*. 2 v. Coimbra: Atlântida.
- CHARAUDEAU, P. (1992). *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette.
- CUNHA, C. F. da (1980). *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME.
- & CINTRA, L. F. L. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- HENRIQUES, C. C. (1999). A estrutura dos nomes: visão sincrônica. In VALENTE, A. (org.) *Língua, literatura e lingüística: uma integração para o ensino*, 35-45. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- JESPERSEN, O. (1992). *The philosophy of grammar*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- LACERDA, C. A. & GEIGER, P. (1986). *Dicionário Aurélio eletrônico – versão 2.0*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- LIMA, C. H. R. (1992). *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- MELO, G. C. de (1976). *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- . (1970). *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- MONTEIRO, J. L. (1991). *Morfologia portuguesa*. Campinas: Pontes.
- PERINI, M. (1995). *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática.
- SANDMANN, A. J. (1997). *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto.